

CI-CPRI



Populismo

Can you handle the truth? Hoje em dia, ninguém é eleito sem ser minimamente popular. Alguns políticos resvalam para o populismo, se os seus discursos são extremistas e anti-sistémicos, alimentando-se da insatisfação alheia.

O populismo *diz ao povo o que ele quer ouvir*. É essa razão do seu sucesso. Numa República os cidadãos votam em quem querem e nem sempre na solução que precisam (da mesma forma que preferem batatas fritas a um prato de salada). Os eleitores comportam-se como crianças que querem chucha. Os candidatos como canalhas dispostos a tudo pelo voto.

Num cenário ideal, as eleições são justas e transparentes; não conferem poder a um líder que afunde um sistema que apenas precisa ser melhorado. A informação é assimilada apenas quando credível. Todos os membros da sociedade remam para o sucesso; conhecem os seus direitos e as suas responsabilidades, sabem reivindicar os primeiros e assumir as segundas, sem violência, porque há regras, baseadas no comum acordo. As religiões, os géneros, as diferenças honram-se com calma e civismo. Quem não cumpre, é punido pelos tribunais e vai para a prisão.

Mas os seres humanos não são *robots* e a sociedade não é perfeita. Os eleitores são vulneráveis ao populismo, aos excessos e gostam de incorrer em riscos. Sob a perspectiva de Charles Darwin (*Origem das Espécies*, 1859) e de Desmond Morris (*Macaco Nu*, 1969) as pessoas são animais sofisticados confinados em pouco espaço, o que quase sempre gera atropelos e confusão. Competem entre si sob a lei do mais forte. Discriminam-se porque gostam de viver em grupos; não aos magotes nem em galerias subterrâneas como as formigas. É comum ouvir chavões como: *só os trolhas pagam impostos*; ou *quem mostra o telemóvel de marca está a pedir para ser roubado*. Quem tem poder para decidir é grupo privilegiado (elite, lóbis) que não representa a vontade geral, mas impõe a sua perspectiva aos demais. Sem noção de limites, muitas famílias tornam-se disfuncionais. Os colégios deixam de ensinar e passam a ser empresas ou estabelecimentos para ocupar o tempo. As prisões enchem-se e tornam-se escolas de crime, de onde saem assassinos e ladrões que põem em perigo os inocentes que deviam estar protegidos pelo Estado. O cinema e a televisão transformam em heróis os delinquentes. As televisões, que podiam ajudar a informar, estão obcecadas pelas audiências e velam mais por interesses corporativos e financeiros do que cívicos.

Portanto, a frustração aumenta (inclusive *a silenciosa*). Vota massivamente contra o regime. Elege líderes que prestam culto à sua personalidade e que, mais cedo ou mais tarde, viram ditadores. É por isso que o populismo é perigoso, porque abre portas ao inferno. Entretanto, há um quotidiano que se empurra com a barriga.